

INTERVALO ANALITICO



Claudius Ceccon

MATÉRIA DA CAPA

O amor nos tempos da cólera

"Em tempos de cólera, o amor do tipo agape aumenta a potência de quem dá e de quem recebe."

Por Marion Minerbo
Páginas 4 e 5

FAZENDO PARTE DA NOSSA HISTÓRIA

Sergio Nick

"[...] as normas são necessárias numa instituição, mas não devem coibir a criatividade e o desenvolvimento."

Por Equipe Editorial
páginas 6 e 7

PSICANÁLISE & CIA

Claudius Ceccon

"O exílio me ensinou que o desenho de humor é um meio de comunicação universal."

Por Simone Wenkert
páginas 10 e 11

DIVAGAR É PRECISO

Pequena coreografia do adeus

"Júlia era o lugar onde as variações da tristeza encontravam pouso, onde a raiva dos outros se desfazia em silêncio."

Por Marina Miranda
página 12

“O amor se torna maior e mais nobre na calamidade.”
(Gabriel García Márquez, O amor nos tempos do cólera)



Em tempos de cólera, marcados por intolerância, violência e polarização, a sustentação de um espaço reflexivo permite que a arte, o humor, a charge, a música surjam como formas sublimes de resistência. Sublime-Ação, como definiu Freud: um mecanismo psíquico em que impulsos destrutivos ou sexuais são transformados em expressões socialmente aceitáveis.

Diante da constante exigência de produtividade e gozo imediato, da angústia e da violência que essas exigências impõem, o criar, que se sustenta e se alimenta de conflitos e paradoxos, e que exige extensão temporal, se configura como um canal vital de elaboração e transformação das pulsões. Em tempos de cólera, criar é oferecer resistência à violência das descargas imediatas, é um ato político, amoroso e profundamente humano.

Nesta edição, nos lançamos ao enigma do amor – tema antigo e sempre novo na Psicanálise – reunindo vozes que exploram, cada uma à sua maneira, as dimensões afetivas e suas ressonâncias clínicas, éticas e poéticas.

Bernard Miodownik percorre as figuras trágicas que Freud nos apresen-

tou para pensar o amor: Narciso, Eco, Hamlet, Dora, Anna O. – amores que não são românticos, mas humanos, demasiado humanos. A Psicanálise, lembra ele, é um trabalho constante de afinar nosso “amorômetro”, buscando compreensões que fertilizem vínculos e tolerância.

Marion Minerbo nos conduz pelos três amores gregos – eros, filia e agape – e sustenta que é nesta última, a compaixão, que reside o motor da solidariedade verdadeira. Num mundo polarizado, é o amor pelo desamparado, não por afinidade ideológica, que pode nos devolver potência e humanidade.

Na seção “Fazendo História”, Sergio Nick revisita seu percurso institucional e o trauma da intervenção da IPA na SBPRJ. Ao transformar o sofrimento institucional em ação e compromisso, ele nos oferece um testemunho de como o amor pela Psicanálise também se traduz em luta política e ética.

Margareth Binder retoma Ferenczi e a Escola de Psicossomática para lembrar que, diante das patologias do vazio e da fragmentação psíquica, o amor – como presença afetiva e estruturante – é condição da clínica.

Sem afeto, não há escuta possível.

Maria Inês Basto aposta na poesia para dizer o indizível do amor. Amar, na clínica, é sustentar um espaço onde o outro possa emergir em sua alteridade, sem ser capturado. O amor como criação, como aposta no imprevisível.

O desenhista Claudius Ceccon, por sua vez, nos brinda com sua arte e sua história. Amigo da Psicanálise e do humor sutil, revela como o desenho pode operar como interpretação visual do inconsciente social, desorganizando certezas e revelando verdades veladas.

Por fim, Marina Miranda nos apresenta a delicada leitura de Pequena Coreografia do Adeus, de Aline Bei. A história de Júlia, uma menina que busca abrigo em si mesma após perder tudo, ressoa como metáfora da escuta analítica: dar casa àquilo que parecia irremediavelmente exilado.

Esta edição é uma declaração de amor à Psicanálise – e ao amor como potência de transformação.

Boa leitura.

// Simone Wenkert Rothstein

simonewr@rotx.com.br

// André Luiz Vale / alavale88@gmail.com



Sociedade Brasileira
de Psicanálise do
Rio de Janeiro

Filiada à Febrapsi, Fepal e IPA
sbprj.org.br

Siga-nos e se inscreva em nosso canal:



@SBPRJ



@sbprjoficial



@CanaldevideosSBPRJ

INTERVALO ANALÍTICO

Editora: Simone Wenkert Rothstein/ **Coeditor:** André Luiz Vale/ **Colaboradores do Intervalo Analítico:** Adriana Lasalvia, Bianca Boltje, Haydée Côrtes de Barros S. Pina Rodrigues / **Projeto Gráfico:** Fantastico Studio di Design / **Editoração:** Celyne Maués / **Revisão Ortográfica:** André Luiz Vale
As opiniões dos autores das matérias são de sua exclusiva responsabilidade e não refletem, necessariamente, as dos editores da publicação.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE DO RIO DE JANEIRO – CONSELHO DIRETOR 2025

Copresidentes: Marcela Ouro Preto Santos e Maria Noel Brena Sertã; **1ª Secretária:** Isabel Pessoa; **1ª Tesoureira:** Adriana Lasalvia; / **Instituto de Formação Psicanalítica:** Simone Grinapel Prais (Diretora), Margaret Waddington Binder (Vice-Diretora), Renata Martinelli (Secretária) / **Conselho Científico:** Mariana Neustein (Diretora), Gisela Gorrese (Secretária) / **Conselho Profissional:** Miguel Calmon du Pin e Almeida (Diretor), Maria de Fátima Amin (Secretária) / **Clínica Social:** Marina Miranda (Diretora), Monique Ribeiro de Assis (Secretária) / **Centro de Estudos Psicanalíticos:** Maria Fernanda Borges Rossi (Diretora), Haydée Côrtes de Barros S. Pina Rodrigues (Secretária) / **Departamento de Divulgação:** Eliane Marcellino (Diretora), Ana Luiza B. Fernandes (Secretária) / **Departamento de Difusão da Psicanálise:** Maria Lucia Moret (Diretora), Patrícia Borges de Figueiredo (Secretária) / **Departamento de Comunidade e Cultura (DCC):** Eloá Bittencourt Nóbrega (Diretora), Cristiane Blaha (Secretária)



Histórias de amor

Freud ilustrou muitas das suas teorias com histórias de amor. Desde o onipresente Édipo e seu amor incestuoso por Jocasta, ao amor possessivo de Laio, que não tolerava dividi-la com um terceiro, ainda que se tornasse um filicida. Verdade que não deu a devida atenção ao amor filial de Édipo quando este fugiu de Corinto para Tebas para não realizar a profecia de que mataria o próprio pai e desposaria a mãe, os que ele supunha, conscientemente, serem os legítimos. Falou-nos também de outros amores: do amor de Narciso, fadado a se extinguir por negar a necessidade do outro; do amor triste de ser somente o simulacro de um pedaço repetitivo do outro, como o da ninfa Eco; do amor enlouquecedor de Ofélia com Hamlet; do amor infausto por poder na cumplicidade de Macbeth e sua Lady; do amor idealizado de um homem pela figura esculpida da Grádiva na distante Antiguidade; do amor delirante de Schreber pela figura paterna; do amor proibido da jovem Dora com um homem mais velho, amigo da família; do assustador amor de transferência entre Breuer e Anna O.

Não são histórias de amor romântico. Algumas tenebrosas, outras pouco edificantes. Causam, em geral, estranheza, mal-estar, quando não repúdio. Foi através dessas histórias, por percebê-las humanas, demasiadamente humanas, que Freud nos mostrou a complexidade emocional e afetiva contida no ato de amar e no de ser amado.

Sabemos que o amor é uma necessidade vital, o alimento da alma. Porém, são muitas as injunções que circundam o amor e dificultam a sua realização plena. Agressividade, rejeição, ódio, desejo sexual, limites, diferenças, abandono, possessividade, angústia de separação, finitude... Condições humanas que nos mostram que o amor, mais do que um atributo natural, é uma conquista cotidiana que vem desde o nascimento (ou até antes, no momento da concepção pelos pais) e prossegue até os últimos momentos da vida. Através da Psicanálise, Freud e seus seguidores mostraram que a forma dos sujeitos e seus ambientes lidarem com as contin-

gências que envolvem o amor possibilitará a diminuição do sofrimento inerente a este processo e fertilizará relações predominantemente amorosas e criativas.

Na frustração dessa empreitada emocional se estruturam as soluções dramáticas reveladas pelos escritores que Freud tanto apreciava e que ele também observou na clínica, e que têm como base as faltas ou os excessos do amor. Dramas que nos assombram em maior ou menor grau. E, se precisamos recorrer a uma Psicanálise é, em parte, para ajustarmos o nosso "amorômetro" e suas oscilações ora mais, ora menos frequentes.

Freud considerava o amor uma resultante das elaborações de cada sujeito das vivências sexuais infantis, e que os distúrbios na capacidade de amar estariam diretamente ligados a perturbações no desenvolvimento sexual. Na Psicanálise de hoje, sem descuidar do papel da sexualidade infantil, termos como acolhimento, cuidado, empatia pela experiência emocional do outro estão mais presentes nas reflexões teóricas e na clínica. Um novo

espaço de escuta se abriu diante de subjetividades diversas que se mostram presentes na contemporaneidade. Novas configurações de família, novas formas de exercer a sexualidade, fazendo parte das infinitas formas de amar. Por outro lado, se apresenta também uma tendência à superficialidade, ao maniqueísmo, às aderências pouco reflexivas a modismos e a exaltações narcísicas que insuflam ódio, partidarismo e pensamento homogêneo que levam à esterilização da capacidade de amar o outro.

Compreender a dinâmica inconsciente do amor e do desamor nos dias atuais é um desafio para a Psicanálise. Certamente não desvendaremos todos os mistérios do amor, mas seremos mais tolerantes – o que, também, é uma forma de amar.

// Bernard Miodownik

Membro efetivo com funções específicas no Instituto de Formação Psicanalítica da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ),
betchkov@uol.com.br



Claudius Ceccon



O amor nos tempos da *côlera*

Para entrar no tema proposto, começo lembrando o que todo psicanalista sabe: o ódio é expressão da angústia que se desconhece enquanto tal, e que, por sua vez, sinaliza a ameaça à sobrevivência do eu. Crises – atualmente são várias – são vividas como ameaça porque as referências identitárias se fragilizam. Uma delas, a do patriarcado, ameaça a hegemonia do homem branco. Entende-se o ódio e a polarização entre conservadores e progressistas. Por mais que discordemos de sua visão de mundo, desprezar e desqualificar “os outros” não é o melhor cami-

nho para reconhecer seu sofrimento e, quem sabe, sentir alguma empatia. Sim, é preciso empatizar com “eles”. São diferentes de nós, mas também são nossos semelhantes: talvez não saibam, mas assim como qualquer ser humano, precisam ter suas necessidades reconhecidas e atendidas. Empatia e reconhecimento já são uma forma de amor. O filósofo André Comte-Sponville¹ explica que os gregos reconheciam três formas de amor: *filia*, *eros* e *agape*. Para Platão, *eros* é o amor como *falta* e como desejo de possuir o objeto que falta. Um psicanalista diria

que é uma forma de amor narcísico: “amo o outro porque ele me ama e vai me satisfazer”. Já Spinoza define *filia* como *alegria* e *potência* para desfrutar e se regozijar pela existência de alguém ou alguma coisa. Aqui temos o que chamamos de amor objetual. Em *Notas sobre a aptidão à felicidade*² sustento que uma condição psíquica para alguém experimentar momentos de felicidade é, justamente, ser capaz de amar o que existe e o que é (amor objetual), e não aquilo que deveria existir para me satisfazer (amor narcísico).

E *agape*? Citando Simone Weil, Comte-Sponville explica que é o amor despertado pela fragilidade do outro; o amor por aquele que tem “menos potência” do que nós. Ela usa o termo *charité*, caridade. Prefiro *compaixão*. A compaixão por um filho doente é tanta que chega a doer. Passando para o plano social, ousou dizer que foi com esse amor que amamos o cavalo Caramelo, ilhado no telhado de uma casa durante as enchentes do Rio Grande do Sul de 2024. Creio que sua foto circulou amplamente porque simbolizava a catástrofe que se abateu sobre milhões de pessoas. Naquela época, em meio à polarização política, brinquei dizendo que podíamos amar Caramelo (no sentido da compaixão) sem medo do cancelamento, porque ele não era nem de esquerda, nem de direita. A verdade é que nos identificamos com a angústia de quem não tinha como dar sentido ao que estava lhe acontecendo, nem como sair da situação sem ajuda.

Nós amamos Caramelo – e aqueles que ele representa – por seu desam-



Claudius Ceccon

“Por mais que discordemos de sua visão de mundo, desprezar e desqualificar “os outros” não é o melhor caminho para reconhecer seu sofrimento e, quem sabe, sentir alguma empatia.”

paro. Comte-Sponville explica que o amor do tipo *agape* se manifesta por nossa disposição a existir um pouco menos para dar espaço para que o outro exista um pouco mais. Aceitamos diminuir um pouco nossa potência para aumentar um pouco a do outro. Colocamos nossas necessidades “em hold” para atender às do outro. É essa a forma de amor – e não *eros* ou *filia* – que nos torna mais humanos.

Agape – compaixão – é condição para a solidariedade. Esta pode se traduzir em ação: doamos parte do nosso tempo, da nossa energia e dos nossos recursos para diminuir o desamparo do outro. É nesse sentido que, segundo o autor, renunciamos a uma parte de nossa própria potência em favor do outro. Como psicanalista, contudo, penso que o amor do tipo *agape* aumenta nossa potência. Permito-me citar um trecho do meu livro que ilustra essa ideia. O subtítulo da vinheta é “Troca humana, *vidas solidárias*”: “Não tinha cerveja e eu já estava conformada com a Coca-Cola. O garçom – descubro que ele também é brasileiro – percebe minha decepção. Cúmplice, piscando um olho, anuncia que, na falta de cerveja, pode me preparar uma caipirinha. Não está no cardápio, mas ele tem uma boa cachaça. Agradecida e feliz, aceito a sugestão” (p. 89).

O garçom é solidário ao meu “desamparo”. É diferente da generosidade, em que um dá e outro recebe. Também não me refiro à solidariedade no sentido comum, em que uma pessoa é solidária a uma outra que sofre. Penso na ideia de *vidas solidárias*. Naquele momento, num barzinho

perdido na Costa Rica, minha vida e a do garçom se cruzaram e foram solidárias uma à outra: eu acrescentei algo à dele, e ele à minha.

O que essas duas vidas acrescentaram uma à outra?

Em primeiro lugar, reconhecimento, e isso nos dois usos do termo. Cada um *enxergou* o outro, e cada um foi *grato* ao outro por aquilo que recebeu. Quer dizer, ambos reconhecem que receberam algo importante um do outro.

Além disso, cada um permitiu que a vida do outro tivesse mais *sentido*, nem que fosse por um breve instante. Esse garçom se esforça e tem prazer em desempenhar sua função da melhor maneira. Através de mim, ele se realiza como garçom. Precisa de mim, do meu prazer, da minha gratidão, para que sua vida profissional tenha sentido. Caso contrário, estaria condenado à pobreza de um ir e vir burocrático da cozinha para as mesas.

E vice-versa: graças a ele, minha experiência naquele bar não se limita a tomar uma caipirinha, prazer importante, mas meramente sensorial. Nem me sinto reduzida a mais uma cliente que vai pagar por um serviço. A experiência é de uma troca humana. Quando recebo com prazer aquilo que ele fez com amor, sei que minha existência fez diferença para ele, e isso me faz feliz. Acrescentei algo à vida dele, e isso também dá sentido à minha.

A caipirinha que um faz, e o outro desfruta, cria um breve momento de comunhão entre dois seres humanos. Cada um acompanhou o outro num pequeno trecho de sua caminhada

pela vida. Por alguns instantes, nos sentimos menos solitários, mais solidários e mais potentes. Em tempos de cólera, o amor do tipo *agape* aumenta a potência de quem dá e de quem recebe.

¹ Comte-Sponville, A. (2016). André Comte Sponville nous parle d'Amour au Chêne Noir 7. YouTube. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=CIUpqCQ3Kbk&t=242s>

² Minerbo, M. (2023). Notas sobre a aptidão à felicidade. Blucher.

// Marion Minerbo

Membro efetivo e didata pela Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

Doutora pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Publicou

vários artigos e livros pela Editora Blucher, dentre os quais *Neurose e não neurose*, *Diálogos sobre a clínica psicanalítica*, *Notas sobre a aptidão à felicidade*.

Atualmente vem se dedicando a escrever a *Série Ateliê Clínico*, que já conta com cinco volumes (dois no prelo)

marionminerbo@gmail.com



Entrevista com Sergio Nick

Sergio Nick é médico, psiquiatra, psicanalista, psicanalista de criança e de adolescente (COCAP/IPA). Pós-Graduado em Psiquiatria e Psicoterapia da Criança e do Adolescente pela Clínica de Orientação à Criança da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pós-Graduado em Direito Especial da Criança e do Adolescente pela Faculdade de Direito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Membro Efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ). Atual Representante Latino-americano junto ao Board da Associação Psicanalítica Internacional (IPA).

Quando e como foi a sua chegada na Psicanálise? E na Brasileira?

Eu acho que a minha chegada na psicanálise vem de muito tempo. Sempre fui um bom ouvinte e sempre busquei entender as pessoas, eu acho que isso já estava em mim. Olhar, ouvir, pensar. Mas eu tenho a impressão de que isso ficou muito mais claro quando eu fui trabalhar como plantonista da Superintendência de Serviços Médicos (SUSEME) na Emergência do Hospital Miguel Couto. Os plantões – uma rotina de três plantões por semana – eram com uma equipe que me acompanhava e me ensinava muita medicina, eram muito intensos! Essa equipe, em pouco tempo, começou a me chamar para ouvir pacientes, justo aqueles que os intrigavam quanto às suas queixas. E chegou num ponto de eles cunharem a minha participação como “Nickterapia”! Assim, volta e meia eles me chamavam dizendo: “É Sergio, tem uma ‘Nickterapia’ ali pra você”. E lá ia eu ouvir a pessoa e, com pouco tempo, me dei conta de como isso fazia uma diferença grande dentro da emergência de um hospital como aquele. É óbvio que naquele tempo eu já tinha feito análise de grupo e estava em análise individual de alta frequência. Naquela

época eu já pensava em Psicanálise como um caminho para a minha vida profissional, sendo que pouco tempo depois de me formar eu fui apresentado à Dra. Mara e à Dra. Ana Eliza, que trabalhavam na COI – Clínica de Orientação Infantil/UFRJ. Lá estavam também a Aurea Lowenkron e, mais tarde, entraram a Clara Helena Portela Nunes e a Celmy Quileli. Eu fiquei muito bem impressionado naqueles anos que eu fiquei ali. Uma Psicanálise de altíssimo nível, aplicada a pacientes do INSS, e que me deixava muito admirado em como era possível compreender toda a história de uma criança, sua sintomatologia, transformando-a de uma forma que, tenho a impressão, me influenciou fortemente. O corolário disso foi que eu acabei indo buscar uma análise didática com vistas à formação. Na época, a Brasileira era a sociedade que me encantava. Penso que muito em função das pessoas com quem trabalhei na COI e nas supervisões individuais. Teve outra influência importante: eu fazia parte de dois grupos de colegas, no PAP (Pronto Auxílio Psíquico), trabalhando como Auxiliar Psiquiátrico, e no NAP (Núcleo de Atendimento Psicoterápico), como psicoterapeuta. Muitos colegas dali já estavam em formação na Brasileira e me traziam boas referências.

O que você pode nos contar sobre o período de intervenção da IPA na Brasileira? Como esse período repercutiu em você, na sua formação?

As mudanças na formação psicanalítica na Sociedade se deram numa época em que eu ainda era candidato. Na época, eu era vice representante geral dos alunos e era um período muito rico de discussões sobre o que a gente queria para o Instituto da SBPRJ. Como candidatos, nós não falávamos muito, não tínhamos um lugar de fala como existe hoje; mas a gente participava das discussões e fi-

cava muito patente a riqueza dos debates e os aspectos progressistas que estavam sendo implantados na nossa formação. Pouco tempo depois veio a intervenção e eu tenho a lembrança de que foi um período muito duro, muito violento; não foi uma intervenção qualquer, não foi uma intervenção como hoje nós temos na IPA – que é o “Institutional Issues Committee”, que busca justamente o diálogo e fazer trabalhar as diferenças entre os diferentes grupos dentro de uma sociedade. Não! Foi uma intervenção para acabar com o que a gente tinha implantado, com muito pouco diálogo e muito pouca escuta por parte dos interventores. Foi duro e muito traumático. Como resultado, vivemos um longo período de luto, que resultou na saída daqueles vistos como responsáveis (ou favoráveis) pela intervenção. Para mim, a repercussão maior foi justo o meu percurso no Quarto Eixo. Eu passei a me preocupar mais com os caminhos da instituição, tanto a nível da Brasileira mesmo, como a níveis externos. Depois de participar de várias diretorias da SBPRJ, eu fui trabalhar na Febrapsi, a convite do Pedro Gomes, onde participei bastante da política de Difusão da Psicanálise, da Comunicação, e das apresentações científicas. Nesse meio tempo, um pouco aturdido com um comentário ouvido no Board da IPA de que “nunca se faria um congresso da IPA num país onde se matam crianças” (era uma reação à Tragédia da Candelária), eu entrei na luta para trazer este congresso para o Rio de Janeiro, junto com o Wilson Amendoeira. Conseguimos! E, com a preparação do congresso em 2005, eu passei a ocupar cargos em comitês da IPA, bem como cheguei a trabalhar na FEPAL. Se eu puder resumir o meu trabalho nestas instituições/associações, eu diria que foi um corolário da intervenção. Uma passagem da posição passiva para uma posição ativa, fruto de muita elaboração daquele

“Foi uma intervenção para acabar com o que a gente tinha implantado, com muito pouco diálogo e muito pouca escuta por parte dos interventores. Foi duro e muito traumático.”

trauma. Em termos da minha formação, acho que a intervenção me fez mergulhar mais profundamente nos estudos teóricos, na clínica, e na compreensão de que as normas são necessárias numa instituição, mas não devem coibir a criatividade e o desenvolvimento.

Você já ocupou alguns cargos na SBPRJ e, além disso, teve e tem uma participação ativa na IPA. O que você nos conta sobre o seu percurso institucional?

Penso que uma das coisas ricas que o trabalho institucional traz é justamente o encontro com o diferente, a necessidade de encontrar caminhos que abriguem essa miríade de pensamentos, influências teóricas, ideologias etc. Este percurso é por demais exaustivo, especialmente se a pessoa mergulha “com tudo” no trabalho. Há que lidar diuturnamente com angústias, conflitos, pressões e buscar muito o diálogo. Vejam vocês que a nova regra para as análises de formação, com a introdução de sessões on-line, levou mais de cinco anos para ser gestada dentro do Board. Lembro que, com Virginia Ungar, criamos a 1ª Task Force para estudar o assunto. Seus resultados foram veementemente rechaçados, levando à criação de uma 2ª Task Force. Os resultados saíram em novembro de 2023, e levamos umas cinco reuniões do Board para discuti-las, ouvir os membros da IPA e os diretores de Instituto/presidentes, para aí sim chegar a uma solução que pudesse ser minimamente palatável para as diversas correntes psicanalíticas internacionais. Até hoje estamos às voltas com as repercussões desta decisão!

As crises costumam suscitar reflexões e muitas vezes provocam mudanças. Imaginamos que você possa ter observado, e quiçá vivido, algumas crises na IPA. Há alguma situação que você julgasse oportuna ser relatada

neste momento?

As crises na IPA são multifacetadas. Temos problemas éticos, questões financeiras delicadas, crises institucionais que demandam algum fazer, e a introdução das novas tecnologias no nosso campo é o que mais tem levado a enormes discussões, algumas muito emocionais, outras em busca de maior razoabilidade. Estou chegando das reuniões com o Board da IPA e com os presidentes de sociedades componentes da Europa, além do Congresso Psicanalítico Europeu. Dedicamos um tempo enorme com os europeus para tentar diluir um movimento divisionista na IPA, e acho que tivemos sucesso! Tudo ainda fruto da reação às novas regras de formação que implantamos no ano passado. Por outro lado, participar da instituição nos permite não só intervir nas crises, como também introduzir projetos que nos são caros. O “IPA nas Comunidades”, a introdução do Português como língua oficial da IPA, a possível criação do Instituto Africano de Psicanálise (IAP), o “Presidents Meetings Program”, o “Candidates Visiting Program”, a busca de maior proximidade com os membros – são todos projetos que visam ao desenvolvimento do nosso ofício, sua divulgação e a promoção do intercâmbio entre os psicanalistas das várias regiões e culturas que compõem a IPA.

A nossa relação com a instituição sofre mudanças ao longo dos tempos. Dentre outras coisas, passamos por um processo natural de desidealização. O que hoje faz brilhar os seus olhos na Brasileira?

Penso que a desidealização é o corolário do crescimento pessoal que todo psicanalista deve ter. Atravessar este processo sem cair na polarização, sem entrar num estado melancólico, ou mesmo autístico, é um desafio que requer muita elaboração. Outro dia, numa dessas discussões sobre a crise na Brasileira,

ouvi duas metáforas que me fizeram pensar. A primeira seria que “a Sociedade está sangrando”. É uma ideia interessante, pois alude à saída de algumas pessoas insatisfeitas com as mudanças, para me referir a ao menos um desses possíveis sangramentos. Não à toa, me referi ao splitting havido na Sociedade no período pós-intervenção. Isso ocorre porque algumas mudanças são inconcebíveis para algumas pessoas. Por outro lado, acompanho algumas pessoas que estão mergulhadas de “corpo e alma” na gestão dessa crise. Elas sofrem, se dedicam, e vão sustentando esse árduo caminho rumo ao desenlace da crise. São pessoas de extremo valor e as admiro muito. A Ruth Naidin é um bom exemplo disso. Essas pessoas me fazem brilhar os olhos, sem a menor dúvida!

A outra metáfora falava da sociedade como um “Titanic”, prestes a bater num iceberg, e que a entrada dos membros provisórios não-médicos, não-psicólogos e de cotas seriam a ponta do iceberg. Não gostei de ver nossa Brasileira comparada com um navio prestes a afundar, matando seus “tripulantes e passageiros”. Não creio que seja o caso. Dessa crise, bem trabalhada, sairá uma Brasileira diferente, que agradará mais a uns do que a outros. A quem ela agradar, vivaaa! Aos que não se agradarem, espero que não funcionem como uma bússola a guiar o navio rumo ao iceberg. Penso que o amor, conforme o tema deste número do Intervalo, implica renúncias e aceitações, algumas intoleráveis e que levam a uma ruptura. Outras vezes, o(a) amante não tolera que tenha havido essas mudanças e resiste. Há muitas formas de resistir ao novo. Em alguns casos, se consegue algo, em outros, apenas destilar ódio. Aí, a meu ver, é hora de parar e refletir.

// Equipe Intervalo Analítico



Amor e Psicanálise

Psicanálise é principalmente amor. Amor por si próprio, pelo outro, pela vida e pela verdade. Há que se ter muito estudo, muita leitura, muita técnica, mas sem amor não vamos a lugar algum.

O que me parecia tão fácil, escrever sobre amor e psicanálise, rapidamente tornou-se quase impossível. Eram tantos caminhos, possibilidades, lembranças clínicas, diferentes teorias, minha vivência pessoal de análise... O amor ligado ao desejo, ao estado de plenitude que tanto buscamos, à falta obrigatória, ao não, e também à própria constituição do sujeito, o amor da necessidade, as primeiras experiências infantis.

Quando falamos de Psicanálise, não raro falamos de neutralidade, afastamento. Será que isso é possível? Será que entendemos o que é a tal neutralidade?

Nossa clínica agora demanda outro tipo de olhar e de escuta. Recebemos pacientes que não se constituíram integralmente e que precisam viver pela primeira vez, ali na análise, o processo de constituição de si mesmos para depois virem a desejar. Mais do que reeditar, precisam editar, permitir a inscrição psíquica na transferência, de coisas jamais inscritas. Precisam sair de pacientes da necessidade para pacientes do desejo. Inaugurar um mundo mental. A experiência de um desamparo primitivo que, para ser superado, necessita que um outro exerça a função materna, uma função estruturante, uma função amorosa.

Houve um momento no meu percurso como psicanalista quando entrei em contato com algumas teorias e ganhei muitas ferramentas, que me permitiram achar o meu jeito de trabalhar, em que me sinto confortável e verdadeira e, ao mesmo tempo, com sustentação teórica e metapsicológica para muitas das minhas vivências clínicas. Estou falando principalmente do meu contato com os trabalhos de Ferenczi e também com toda a teoria da Escola de Psicossomática de Paris.

Ferenczi vem nos ajudar oferecendo todo um arsenal teórico para sustentar muitas mudanças técnicas, uma nova compreensão teórica. Ele acreditava que o afeto, a ternura, e eu digo que também o humor, eram e são essenciais para o processo terapêutico.

Enquanto Freud defendia uma postura mais neutra, Ferenczi colocava o analista na cena analítica. Os afetos entre analista e analisando eram essenciais numa análise. Ele defendia uma escuta mais sensível e empática, um compromisso afetivo e ético com o sofrimento alheio. A transferência não seria apenas a repetição de um comportamento neurótico do passado, mas também a edição de verdadeiros afetos do presente.

Já a teoria da Escola de Paris, formulada para a compreensão de toda uma dinâmica psicossomática, acaba esclarecendo toda a montagem do aparelho psíquico e como funcionamos a todo o tempo, corpo e mente, de mãos dadas.

Estamos encarando mais do que nunca patologias narcísicas, patologias do vazio mental, neossexualidades, drogadições, enclaves autísticos, patologias psicossomáticas, distúrbios alimentares e outras tantas denominações. Atender estes pacientes é suportar estar durante um longo período neste lugar impreciso, que não tem limites, passível de modificações evolutivas, na direção de um aparelho psíquico mais sofisticado, e contra evolutivas, na direção do soma. Não é fácil.

Uma vez, há muitos anos, quando fui atender o meu primeiro paciente particular, meu coração batia tão alto, que eu mal conseguia escutar o paciente. Naquele dia, fui para a minha sessão de análise e contei pro meu analista da minha decepção, incapacidade, constatação de que não seria uma boa analista. Ao que ele respondeu, "sabe, estou bem feliz, você está me contando que vai trabalhar com o coração". E ele estava certo!

// Margaret Waddington Binder

Membro efetivo com funções específicas da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ). Membro titular do Instituto de Psicossomática de Paris. Membro titular da Associação Internacional de Psicossomática Pierre Marty. Membro do Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi. Membro fundador do IPSO BRASIL. margawb@terra.com.br



Entre o abismo e o espelho

Falar do amor na Psicanálise é tocar um ponto em que o discurso se desfaz e o afeto escapa. O amor, tal como aparece na clínica, não se deixa capturar inteiramente pela teoria. Ele a excede, desorganiza, toca. Por isso, escolhi falar dele através da poesia – não para fugir do rigor conceitual, mas porque é a poesia, a meu ver, mais do que qualquer discurso, que alcança o amor em seu excesso. Quando a linguagem tropeça, o poema aparece. E nesse tropeço, quando o amor pode emergir sem ser capturado, a nossa clínica acontece.

O amor na poesia não é tema – é uma forma de experiência. Amar é tornar-se outro, perder-se no outro e fundar um instante. A poesia é o modo de dizer isso sem contê-lo, porque o amor, como o poema, mais do que durar, quer incendiar.

Na Psicanálise, o amor aparece como um enigma. Não é apenas um conteúdo a ser interpretado, mas uma forma de presença que desafia o tempo, o sentido e o próprio enquadre. Para Freud, o amor nasce da falta – daquilo que se perdeu e que, ao ser buscado, funda o desejo. Mas quando emerge na clínica, o amor vem como acontecimento que irrompe, desorganiza e afeta.

Para Freud, o amor é ambivalente. Nele vive o erotismo e a agressividade, o desejo e o recalque. Na transferência, ele reaparece com força – às vezes como paixão, outras como dependência. Mas a análise não busca alimentar esse amor, e sim decifrá-lo, pois todo amor é, em parte, um sintoma. No entanto, há sempre algo de verdadeiro na repetição. Ela carrega a marca de uma verdade subjetiva.

Octavio Paz, em *A dobrada chama*¹, entrelaça filosofia e poesia para pensar o amor como essa tensão permanente entre o desejo de fusão e o reconhecimento da alteridade: “O amor é uma tentativa de penetrar no outro, de se fundir com ele, mas o outro continua sendo um outro. A fusão total é impossível. Se fosse possível, o amor desapareceria”.

Fernando Pessoa diz: “o amor é tudo isso

– ridículo, sublime, necessário, impossível, cruel. É uma força que desmonta o sujeito e o revela. Amar é sempre também se perder um pouco”.

A Psicanálise não é neutra. O que ela tem que ser é ética. Isso inclui saber o que fazer com o amor que aparece ali. O analista sente, mas não atua. Sustenta. E, ao sustentar, oferece um novo modo de amar – um amor que não invade, que não exige, que não se apressa.

Clarice Lispector³, em *A descoberta do mundo*, diz que “amar é cansar-se de estar só. É uma covardia, portanto, e uma traição a si mesmo – mas também é uma necessidade”.

O amor é uma aposta no encontro com o outro, mesmo sabendo que o outro nunca será completamente nosso. É um movimento de abertura e de exposição – não para durar, necessariamente, mas, quem

sabe, para transformar. Nesse ponto, a postura do analista é fundamental: sua presença sustenta a existência do outro e, mais do que isso, sustenta a sua originalidade.

Ele escuta. E, ao escutar, oferece um espaço onde o amor, despido de repetição, pode emergir como criação.

¹ Paz, O. (1994). *A dobrada chama: amor e erotismo*. São Paulo: Companhia das Letras.

² Pessoa, F. (2006). *Poesia completa de Álvaro de Campos*. São Paulo: Companhia das Letras.

³ Lispector, C. (1999). *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco.

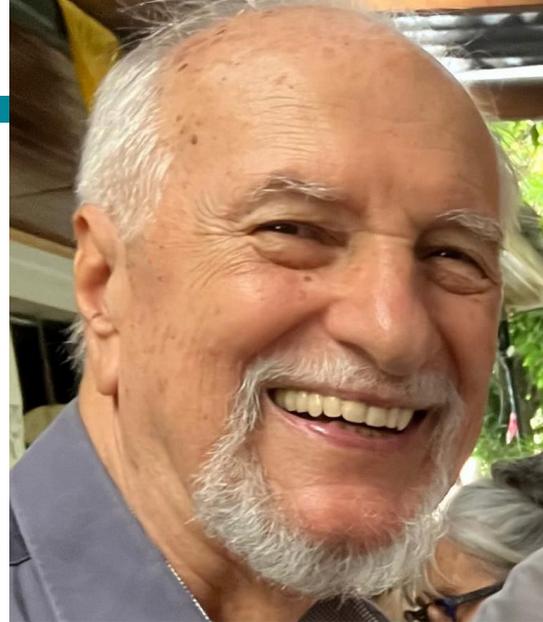
// **Maria Inês Grabowsky Basto**

Membro provisório da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ).
inesgasto@gmail.com



Claudius Ceccon

Claudius Ceccon



Posso dizer que sou um idoso ativo, arquiteto, designer e desenhista de humor e secretário executivo do Centro de Criação de Imagem Popular (CECIP).

Além de ser amigo de analistas queridos, você é amigo da Psicanálise? Qual é a tua relação com a Psicanálise?

Sou amigo da Psicanálise. Não revelo o nome de quem me aturou por cinco anos para que essa pessoa admirável não seja considerada responsável pelas besteiras que eventualmente faço, depois de receber o diploma para ser eu mesmo. Tenho enorme respeito pelo saber dos psicanalistas. Nas sessões de análise, escutei com um misto de admiração e reverência, sem replicar, as interpretações do que eu havia acabado de dizer. Mas, fora do consultório, na chamada vida civil, estamos todos/todas/todes na mesma situação, tentando entender esse país e encontrar soluções para seus perren-gues estruturais.

Seria a charge uma forma de amor/humor em tempos de cólera?

Me sinto privilegiado por expressar com humor minhas críticas, minha revolta, minha indignação sobre o que acontece, aqui e no mundo. Para Freud, o humor representa a rebeldia contra a autoridade, a liberação de qualquer controle asfixiante, a alforria do poder opressor, como disse em *O chiste e a sua relação com o inconsciente* (1905). Ele classifica dois tipos de humor: um, raso, escrachado, preconceituoso, que ataca os que considera inferiores, por características individuais, de classe ou grupo racial; Freud o descarta e se debruça sobre o humor sutil, que desvela a natureza das coisas e denuncia quem se vê acima de qualquer suspeita, representante de instituições que se consideram sérias, ferrenhas defensoras de dogmas morais. A esse humor da palavra, que Freud tão bem dissecou, a charge traz uma nova dimensão: a imagem visual. O desenho de humor usa livremente a linguagem dos sonhos, estabelece referências explosivas,

permite compreensão imediata, reorganiza a realidade, desmonta engrenagens ocultas, revela suas entranhas e traz à luz, à vista de todos, os mecanismos dissimulados que a engendram.

A dimensão crítica que Freud atribuiu à palavra é, para o humor visual, gráfico, sua característica fundamental. A imagem desvela ligações, nexos, associações improváveis, apenas implícitas. Como consequência dessa complexidade, o desenho de humor, em vez de ser apenas a projeção do real, passa a propor outro sistema de entendimento desse real. E o leitor, ao descobrir a realidade escondida, que de repente se revela ante seus olhos, decodifica o que está sendo proposto e completa exitosamente a comunicação – rindo... mas não necessariamente: quem sabe buscando um lugar para a nova compreensão, que pode reforçar suas convicções ou subversivamente desarrumá-las. Essa liberdade deve ser exercida dentro de limites éticos. São territórios por vezes imprecisos, situados numa zona cinza, e cabe a cada um saber até onde pode ir. Essa é a discussão sobre o politicamente correto, sobre até onde nosso livre pensar e nossa liberdade de expressão têm o direito de se manifestar publicamente.

Como é teu processo criativo?

Como acontece um desenho de humor? De onde ele vem? Como ocorre? Que caminhos percorre até chegar à charge? São perguntas frequentes, para as quais não há respostas únicas.

Uma pode ser esta: preciso de um lápis e uma folha de papel. O papel não precisa ser especial, pode ser papel de embrulho, ou um guardanapo, ou até aquele recibo perdido no bolso: é só para anotar uma ideia na hora em que ela ocorre e que pode escapar, diante da próxima.

Mas o que as pessoas querem saber é mais complexo: de onde a ideia vem? Como ocorre? Como se transforma numa charge?

E aí a resposta varia muito. Pode vir de um problema que me preocupa, ou de uma reflexão sobre algo que me impressionou, ou da pressão provocada pelo deadline de um pedido. Ah, o *deadline*! O prazo fatal! Às vezes, a imagem da ideia que não ocorre, ou não satisfaz, a solução perseguida sem sucesso por horas, no último momento é instantaneamente substituída por outra imagem, inteiramente diferente, a síntese perfeita daquilo que se buscava em vão. Acontece num inesperado esboço, num rabisco inconsciente que a mão faz, bem na hora em que termina o prazo fatal. A quem deve ser creditada a charge? À mão ou à cabeça? Steinberg dizia que há uma ligação misteriosa entre a cabeça e a mão que segura uma pena.

A vocês, psicanalistas, revelo um segredo: eu uso, eu exploro o sono. É assim: leio à noite, antes de dormir, o texto sobre o assunto que a charge deve exprimir. Ao acordar, no dia seguinte, a solução aparece prontinha na cabeça. É só desenhar. Bem, confesso que, infelizmente, não é tão simples, nem sempre funciona. E aí as coisas ficam deambulando em algum desvão da minha cabeça, enquanto estou fazendo outra coisa. Por exemplo, hidroginástica. Executo os movimentos maquinalmente, enquanto a cabeça trabalha, buscando a solução... o que acaba acontecendo. Ou não. Enfim, falando francamente, meu método é um não-método, sustentado pelo otimismo de que a ideia vai ocorrer a tempo.

De que forma o exílio influenciou sua obra?

O exílio é uma vivência individual, pessoal, insubstituível. A memória “réfoule”, arquiva as experiências negativas, mas elas teimam em

reaparecer, motivadas por alguma coisa que acontece. O exílio me ensinou que o desenho de humor é um meio de comunicação universal – desde que algumas premissas estejam estabelecidas. A principal delas é que o tema da charge seja uma experiência compartilhada entre quem emite e quem vai receber e decodificar a mensagem. Quem recebe, não o faz passivamente – recebe um estímulo, um desafio para interpretar e dar o significado, a partir de sua própria experiência.

No exílio, minha perspectiva latino-americana me ajudou a perceber vácuos de comunicação, seja em países onde morei, na Europa ou nos Estados Unidos. Essa percepção permitiu que eu pudesse preencher esses vazios ao me comunicar visualmente. Mas fui assaltado de muitas dúvidas, quando tive de criar uma série de 100 dispositivos para um público completamente desconhecido: a população da Guiné-Bissau. Isso aconteceu em meados dos anos 1970, no início de um projeto com Paulo Freire. Tive de romper um bloqueio criativo, porque não conhecia a cultura local. Por trás de aspectos familiares, como a mesma língua, o jeito de andar e de dançar, uma música que parece nosso chorinho, descobri que havia um fosso cultural intransponível, naquele momento. Acabei recorrendo ao meu imaginário – uma aposta arriscadíssima: como o audiovisual que eu estava criando seria recebido por aquele povo?

O audiovisual contava a história da Guiné-Bissau, mostrando como o colonizador, além da violência física, buscou anular a cultura local, tarefa que a escola inventada por ele cumpria com zelo. No audiovisual, a história chegava aos acontecimentos recentes, à vitória da luta de libertação e à criação

de um novo país, de um governo próprio. E agora surgia o desafio de criar o sistema educacional para esta nova nação. Como fazer isso? Que elementos considerar? O audiovisual deveria ser um instrumento para comunicar as questões importantes à população e engajar sua mais ampla participação nas necessárias discussões a esse respeito. Depois de apresentado à equipe do Ministério da Educação, o Ministro Mario Cabral, entusiasmado, quis mostrá-lo num bairro popular, numa tabanca de Bissau. As imagens, projetadas numa tela – um lençol de casal, impecavelmente estendido na varanda de uma casa –, mostraram, ao longo da apresentação, por gritos e aplausos das centenas de pessoas reunidas ali, que a comunicação havia sido estabelecida com sucesso. Por exemplo, a chegada de um guineense à Universidade de Coimbra e a troca de sua cabeça negra por uma branca, foi recebida com urros da multidão. A imagem desvelava uma realidade intimamente sentida, mas que, até aquele momento, não havia sido exposta com tanta cruzeza. Foi uma experiência inesquecível.

Voltando a falar de exílio, a memória tenta apagar as experiências negativas, mas elas teimam em voltar à superfície, motivadas por alguma coisa que acontece. Como aconteceu agora, com o filme *Ainda estou aqui*. Foi impactado e refleti sobre aqueles anos em que, por acaso, em plena vigência do AI-5, aceitei o convite para ocupar um posto em uma organização internacional, com sede em Genebra. Hesitei muito em aceitar, havia tanto trabalho a fazer, tantos compromissos – mas acabamos decidindo partir. Desta vez, não iríamos passar pelas dificuldades que experimentamos em nossa experiência anterior, quando fomos à Europa com as

crianças pequenas, apenas com uma bolsa para estudante solteiro. Era um posto razoavelmente bem pago, seria uma experiência nova. Antes de viajar com Jô e nosso casal de filhos, de 6 e 5 anos, me despedi de meus sócios no escritório de arquitetura, prometendo voltar dali a dois anos, ao término do meu mandato como Secretário Executivo de Comunicação. O ano era 1969.

Tudo o que aconteceu no Brasil nos anos seguintes, o horror dos anos 1970, sobretudo os de Médici e também os de Geisel e Figueiredo, acabou impedindo nossa volta e o exílio durou longos nove anos. Anos em que a vontade de voltar foi sendo adiada. Mas vida que segue, novas amizades, novos trabalhos, novos desafios, experiências novas. Até o momento em que, contra a opinião de amigos, brasileiros exilados, decidimos voltar. Voltamos em fins de 1978, antes da anistia, acreditando que a ditadura estaria chegando ao fim. Deu certo.

O filme *Ainda estou aqui* me fez refletir sobre aquele momento em que decidimos partir. Hoje, sabendo o que me contou o amigo que ficou morando em minha casa – visitas na madrugada, por homens querendo falar comigo, saber onde eu estava –, pode ser que, se tivesse ficado, talvez já não estaria aqui para contar essa história. A consciência de que escapei por muito pouco me impõe responsabilidades: devolver para o bem comum a dívida da vida e de uma vocação. E fazer o que puder para contribuir por uma transformação da realidade atual, para que meus bisnetos vivam num Brasil melhor, mais justo, mais feliz: o país que todos desejamos.

// Simone Wenkert Rothstein

Membro associado da SBPRJ
simonewr@rotx.com.br





Jane Kezem (1937-2025): Saudade

Conheci Jane em 1961, no Curso São Salvador, quando nos preparávamos para o vestibular de Medicina. Era um grupo que sentava sempre próximo um do outro e que se reunia somente naquelas aulas, partilhando as ansiedades e incertezas de um futuro próximo e a certeza e alegria de uma etapa de vida que havia acabado, sem retorno. Com o fim do vestibular, cada um foi para um canto: Jane para a UFF; outros para a Praia Vermelha (FNM atual UFRJ)... nos dispersamos. Por muitos anos não reencontrei Jane. O reencontro se deu quando iniciei os cursos na SBPRJ, em 1975, e lá estava também Jane, já doutora em Doenças Infecciosas e Parasitárias, começando uma nova especialidade. Foi uma alegre surpresa. Algo semelhante ocorreu com Karlos Mesquita, que conheci no Hospital Miguel Couto, já namorando Fernanda, e admirávamos a competência, disponibilidade e delicadeza no trato dos pacientes, mas não sabíamos dos laços com Jane. Fernanda lembra do inesperado reencontro com Karlos: uma noite, à saída de um seminário na Sociedade, um carro estacionado e Karlos ao volante; as saudações vibrantes, a alegria, e a explicação para a presença em local tão insólito: "Vim buscar a Jane, minha mulher!". Então, éramos dois casais que se encontravam, após um longo tempo. Mas a centelha da velha amizade cresceu e alastrou-se. Fernanda, que não conhecia Jane, se tornou sua grande amiga. Esta parece uma história banal. Mas uma amizade de décadas nunca é uma história banal.

Passamos juntos momentos de grande alegria, efusivas comemorações, mas também tristezas e sofrimentos. Tive a oportunidade de acompanhar o desenvolvimento profissional e pessoal de Jane, o que me dá grande prazer em transmitir aos que não a conheceram e começam também essa aventura sem fim, que é o tornar-se psicanalista. Jane, com o correr da vida, entrou em contato e se apaixonou pela obra de Ferenczi. Penso que foi o que Goethe chamaria de uma "afinidade eletiva". As palavras do discípulo dileto de Freud lhe soavam como música

e sentia necessidade de partilhar essa experiência. Assim, agregou um vigoroso e brilhante grupo de colegas também sintonizadas com o autor, o que contribuiu enormemente para a revalorização de sua obra entre nós, fenômeno que curiosamente foi ocorrendo em diversas partes do mundo. Jane teve essa sensibilidade e deixou que a levasse a congressos internacionais, a um estudo metuculoso e dedicado, a um entusiasmo que contagiava. Tornou-se analista com funções didáticas, presidente da Sociedade, diretora do Instituto. Estimulou a progressão dos alunos, a difusão da Psicanálise, o intercâmbio entre as Sociedades cariocas, com a academia e a cultura.

A saudade é imensa e já data de alguns anos, tempo de seu progressivo adoecimento. Duas impressões desejo registrar aqui: como lidou com o infortúnio da perda muitíssimo precoce dos pais e a enorme capacidade hospitaleira que a caracterizava e da qual tive, com Ney, a bendita chance de desfrutar. Em sua casa, sentia-me em casa; não em minha casa, mas em um espaço comum, do qual me sentia parte, livre e acompanhada. Foram muitos almoços assim urdidos, muitas noites de longas conversas, música, dança.

Ao pensar em sua trajetória, lembrei da referência de Hans Thorner em "Progresso em análise", a um comentário de sua paciente, de que uma das coisas mais estúpidas que ele, analista, já lhe dissera foi que a morte de uma criança poderia ser uma experiência enriquecedora. Ao ouvir isso, Thorner pensou nas Canções sobre a Morte das Crianças (Kindertotenlieder) de Mahler, inspiradas nos poemas de Rücker escritos em comoção com a perda de dois de seus filhos em intervalo de poucos dias. Da morte e do luto iniciou-se um ciclo virtuoso de criatividade.

// Fernanda Marinho

Membro efetivo SBPRJ
fernandamarinho@gmail.com

// Ney Marinho

Membro efetivo SBPRJ
neymarinho1943@gmail.com



Pequena Coreografia do Adeus

“me desculpa, Mãe. faz alguns anos que estou juntando forças para deixar o seu teatro, eu que sempre fui o seu público mais fiel. acontece que chegou a hora de parar de assistir à vida dos outros. chegou a hora de eu viver também.” (p.164)

Júlia era o lugar onde as variações da tristeza encontravam pouso, onde a raiva dos outros se desfazia em silêncio. Não reclamava. Recebia tudo – olhares duros, palavras cortantes, como quem nasceu para conter o que transborda dos outros. Era abrigo para dores emprestadas, eco para gritos que não ousavam sair de outras bocas. *“em cada surra que levei ficou no chão um pedaço de mim”* (p. 209) e cada gesto dela dizia: estou aqui, mesmo quando ninguém perguntava se ela queria estar.

Em *Pequena Coreografia do Adeus*, Aline Bei constrói uma narrativa profundamente sensível e dilacerante, cujo eixo central é a busca por identidade de Júlia Terra, protagonista marcada por uma infância fragilizada e por vínculos familiares desestruturados. A obra propõe uma imersão na subjetividade de uma menina em formação, cuja trajetória é atravessada por experiências de abandono, violência e silêncio – elementos que não apenas compõem o pano de fundo da história, mas estruturam sua identidade em constante construção.

O que confere singularidade à obra é a escolha de uma narradora criança, cuja voz carrega um lirismo contundente e, ao mesmo tempo, cru. É por meio desse olhar ingênuo e cortante que o leitor é confrontado com a brutalidade dos afetos falhos, da negligência parental e das marcas invisíveis deixadas por relações rompidas. A linguagem fragmentada e sensorial reforça esse estado de ruptura e vulnerabilidade, fazendo com que a experiência de leitura seja visceral. *Pequena Coreografia do Adeus* não apenas narra a história de uma menina, mas coreografa, com precisão e sensibilidade, os movimentos de um adeus contínuo – à infância, à família, e à ideia de um lar. A casa tremia em gritos, vozes cortando a noite, como facas sem destino. *“Lá somos três solitários irreversíveis gravemente feridos da guerra que travamos contra nós”* (p. 108). O pai tentava aguentar, mas a mãe – tempestade – desabava sem parar. Olhos da

menina Júlia assistiam, sem palavras, sem abrigo, a guerra entre dois mundos que chamavam de “família”. Um dia, o pai partiu. Deixou para trás uma filha e a fúria de uma mãe que só sabia ferir. Agora era ela, sozinha, com o medo escondido no peito e os passos leves como quem pede desculpa por existir.

A relação entre Júlia e sua mãe era feita de silêncios e distâncias medidas com cuidado. A filha observava a mãe como quem estuda um céu nublado: sabendo que, por trás das nuvens, havia luz, mas sem saber quando ou se ela apareceria. Entendeu, com o tempo, que, se quisesse criar algum laço com aquela mulher, teria que escolher a madrugada – o único horário em que algo nela se abria.

Nesses instantes quietos, quando o mundo dormia e o cansaço pesava sobre os lençóis, a mãe se mostrava um pouco mais. Uma pétala surgia tímida, quase imperceptível, revelando uma mulher diferente da figura rígida que habitava o dia. Havia ali uma ternura esquecida, uma pausa frágil, uma versão possível – enterrada, mas viva. Júlia então compreendeu: havia dentro daquela mãe uma outra mãe. Uma que existia nas entrelinhas, difícil de alcançar, mas ainda assim real. *“Se eu quisesse criar algum laço com ela, delicadamente eu teria que investir na alta madrugada um lugar onde ela se abria um pouco pétala ficava vulnerável ao peso dos lençóis. Foi quando compreendi que a minha mãe tinha uma outra mãe possível dentro de si difícil de cavar, e como!, ainda assim e por isso mesmo uma joia”* (p. 76). E talvez fosse exatamente isso que a tornava tão valiosa – não por ser fácil de amar, mas por ser uma joia oculta, lapidada pelo silêncio, pela resistência e pela dor que nunca foi dita.

Júlia parte para viver o mundo como pode – sem certezas, mas com coragem. *“Quantas possibilidades de Júlia eu perdi pelo caminho para me transformar nesta Júlia que sou agora?”* (p. 209). Encontra abrigo aonde menos esperava: um antigo bordel, agora cheio de silêncios e memórias.

É ali que o mundo, imperfeito, mas gentil, a acolhe com um tipo de colo possível. Entre as marcas do passado, ela descobre pequenos instantes de ternura. *“Fechei a porta, ganhei a Rua achei que sair de casa seria um momento de vozes altas e pratos tentando acertar a minha cabeça, mas tudo o que eu ouvia era um zumbido insistente, uma mosca perdida no fundo de mim”* (p. 165).

Com os pais, constrói uma relação frágil, mas honesta – não do jeito sonhado, mas do jeito que dá para amar. E segue, com olhos de artista, encontrando beleza nas frestas, mesmo quando tudo parece desbotado. Escreve o mundo que enxerga, como quem respira o tempo entre o brotar e o murchar das flores. Vê o instante em que a pétala se abre ao sol, e também aquele em que se entrega à terra, rendida. Nada lhe escapa: nem o esplendor efêmero da primavera, nem a dignidade do fim no outono. Porque tudo que floresce, conta. E tudo que morre, também. Num instante quase imperceptível, Júlia Terra se olhou com olhos novos. E entendeu: não era depósito, nem muros, nem sombra. Era casa. E também merecia abrigo.

// Marina Miranda

Psicóloga clínica, membro associado e atual diretora da Clínica Social da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ).
marinamag@yahoo.com

Autor: Aline Bei
Particular Editora, 2023.

